CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAULO BRANCO OU A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR
16 de novembro de 2026

SILVESTRE / 1981

um filme de João César Monteiro

Realização, Argumento e Montagem: João César Monteiro / Diálogos: João César Monteiro e Maria Velho Da Costa / Fotografia: Acácio de Almeida / Som: Vasco Pimentel, Paola Porru / Música: Música Popular Portuguesa e música instrumental da Idade Média / Intérpretes: Maria de Medeiros (Silvia/Silvestre), Teresa Madruga (Susana), Luis Miguel Cintra (Peregrino/Cavaleiro/Fidalgo), Jorge Silva Melo (D. Paio/Bobo), Xosé Maria Straviz (Alferes), João Guedes (Pai), Ruy Furtado, Raquel Maria.

Produção: V. O. Filmes / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, 116 minutos / Estreia: Cine-Bloco: 6 de Maio de 1982.

Quarta longa-metragem de César Monteiro, **Silvestre** encerra a primeira fase da sua obra, a que vem desde a curta metragem **Sophia de Mello Breyner Andresen** (1968), a que parte em busca das raízes culturais de Portugal e que pode afirmar-se de forma mais clara a partir da Revolução de Abril. **Que Farei Com Esta Espada?** é o começo da busca e **Veredas** (1975/77) o seu encontro. **Veredas**, aliás, é uma espécie de "movimento" que leva Monteiro às mais profundas tradições da cultura popular, busca que continua numa série de médias metragens feitas para a televisão (**O Amor das Três Romãs**, **Os Dois Soldados**, **O Rico e o Pobre)**, e cuja meta é **Silvestre**, verdadeira catedral onde se reúnem todos os temas dessa cultura popular. A este filme segue-se uma pausa marcando **À Flor do Mar** o início de um novo ciclo à volta do seu alter-ego que é João de Deus. Num texto-carta dirigido a Carlos de Oliveira (a quem **Silvestre** é dedicado, e basta reler **Finisterra** para entender o porquê), que acompanhou a exibição do filme no Festival da Figueira da Foz em 1981, César Monteiro diz que, se "*o resultado, um pouco aquém das minhas expectativas, não é ainda a vergonha*", "*o essencial, o que tem a ver com um imaginário genuinamente nosso, está devidamente salvaguardado*". Esta última afirmação parece-me inteiramente correcta, podendo-se acrescentar, inclusive, que filme algum ao longo de cem anos da nossa cinematografia, conseguiu captar de forma tão pura esse imaginário. Muitos filmes etnográficos se fizeram, especialmente após o 25 de Abril, muitos deles interessantes, outros cheios de boas intenções, mas a alma da cultura popular, com tudo o que tem de malicioso e ingénuo, de tosco e brutal, de simplista e alegórico, jamais fora captada com tal verdade psicológica. Não no sentido da sua reprodução mais ou menos oficial, mais ou menos real, mas antes no da forma como é recebida e assimilada pelos destinatários dessas histórias tradicionais: a infância. **Silvestre** é essa infância reencontrada no

íntimo de cada um de nós, e mais particularmente daqueles cujas raízes estão ainda próximas dessas origens.

As histórias que César Monteiro encena em **Silvestre**, *A Mão do Finado* e *A Donzela que Foi à Guerra*, fazem parte do património oral da província, e quem aí cresceu, pela voz de amas ou avós, a elas teve acesso. A beleza do filme de César Monteiro neste aspecto é que parece ter conseguido entender e recriar as imagens idealizadas por quem ouvia essas histórias, inclusive na sobrecarga de cor, na utilização de cenários pintados (também herdeiros dos cenários dos teatros populares medievais) e na impressão de horror que a presença demoníaca do personagem de Luis Miguel Cintra deixa impressa desde o primeiro plano em que aparece, subindo a ladeira sobre um cenário projectado e trazendo com ele a tempestade e o céu vermelho. Este jogo de cores, de representações não realistas sobre ecrã com projecção frontal (representações a que Jorge Silva Melo traz um sinal de irreverência com o seu perfil e rosto de então que evocam Woody Allen), esta exploração de cenários e a aproximação às lendas e tradições que enformam o imaginário popular, está, por sua vez, mais próximo do cinema de Syberberg, de um **Ludwig** e de um **Hitler** (e **Parsifal**, que é de 1982), referências que Monteiro rompe ao longo da narrativa com a introdução de cenas de carácter bucólico (o banho no rio, o trabalho no campo). Filme total, **Silvestre** marca o apogeu de um estilo, o término de um olhar, que culmina nos olhos de Maria de Medeiros no plano final que a pouco e pouco se dilui no cosmos, plano que pode evocar o começo de **Dune** de David Lynch, mas que anuncia também a projecção cósmica a que a obra de Monteiro aspira na segunda fase, sendo aquele plano do cosmos uma imagem recorrente nos filmes seguintes (**As Bodas de Deus** começa, exactamente com essa imagem). **Silvestre** é o culminar dessa primeira fase da obra do realizador e, por tudo o que é, e o que anuncia, talvez seja mesmo a sua obra-prima.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico